



O COMBATE NO SÉCULO XXI

Clayton R. Newell

Reprodução de artigo publicado na Military Review, edição brasileira, do 1º trimestre de 1987.

Como sinopse, o artigo registra:

"É, de fato, extremamente difícil prognosticar o que o próximo século trará, em seu bojo, em relação à arte e ciência da guerra. Contudo, o artigo a seguir, vencedor do concurso promovido pela edição americana da Military Review, sustenta que o desafio mais importante, a ser enfrentado pelo Exército dos Estados Unidos será lembrar-se dos seus soldados."

O artigo focaliza a dependência crescente das soluções tecnológicas na condução da guerra moderna e chama a atenção da importância do homem, cujo valor moral e preparo profissional continuarão sendo o fator decisivo de êxito.

"A menos que os generais se lembrem de que comandam soldados, e não máquinas, "ressalta o articulista", a tecnologia poderia, presumivelmente, reduzir a capacidade do Exército em conduzir a guerra no futuro".

É um alerta significativo, em face da sua origem, e constitui objeto de reflexão para os que defendem o Serviço Militar voluntário em nosso País, limitativo do universo para a seleção de vocações.

«**O**s soldados combatem e os reis são os heróis," reza um velho provérbio hebreu. À medida que nos aproximamos do século XXI, os soldados ainda combatem, porém o herói, nos dias atuais, é a tecnologia. Seja qual for o problema, acreditamos que existe sempre uma solução tecnológica para ele.

O emprego da tecnologia

pelo Exército dos EUA no campo de batalha é, nos dias de hoje, sem precedentes. O Exército tinha, antes da II GM, um ponto de vista muito conservador no que se refere à aprovação de novas idéias e equipamentos. Por exemplo: só tivemos o ímpeto de aceitar plenamente o carro de combate como arma útil no campo de batalha após a *blitzkrieg* alemã. No de-

correr da guerra, todavia, os cientistas e engenheiros desenvolveram um sem-número de maravilhas tecnológicas para o soldado norte-americano. A II Grande Guerra terminou com uma retumbante vitória aliada e, desde então, a nossa atração pela tecnologia intensificou-se ao ponto de as máquinas, e não os soldados, tornarem-se, num curto espaço de tempo, os heróis do campo de batalha.

A lição que visivelmente aprendemos da II Guerra Mundial foi que máquinas mais aperfeiçoadas e em maior número constituíam a solução para praticamente todos os problemas existentes no campo de batalha. A tecnologia tem sido capaz de transformar as idéias mais imaginativas em máquinas para o emprego pelo soldado em combate. Contudo, a imaginação torna-se realidade, hoje em dia, em um ritmo tão veloz, que o Exército passou a depender em demasia das soluções tecnológicas, não importando a sua complexidade.

É a centelha da criatividade que inflama o desenvolvimento tecnologicamente sofisticado da maquinaria de guerra. Segundo a opinião de alguns, essa centelha também contribuiu para, praticamente, eliminar o papel autônomo desempenhado pelo soldado no campo de batalha. Muitos nos levariam a acreditar que o soldado atua hoje, simplesmente, como um dos dentes da engrenagem da complexa máquina bélica, enquanto cada

novo produto da tecnologia nos aproxima de um futuro em que as guerras serão travadas exclusivamente pelas máquinas. Trata-se de um argumento tentador, porém, perigoso. Como no passado, será o próprio soldado quem, em última análise, estabelecerá a diferença no campo de batalha. É imperioso que o Exército não se esqueça de seus soldados, à medida que se prepara para atuar no século XXI.

Nesta era de constantes avanços tecnológicos, dificilmente passa um dia sem que os meios de comunicação transmitam aos lares norte-americanos notícias sobre uma nova arma ou outra peça de equipamento militar sofisticada. Todavia, embora sejam mostrados os mais recentes helicópteros de ataque em vôo ou o mais novo carro de combate disparando em movimento, o público raramente é informado acerca do pessoal responsável pelo funcionamento do equipamento — os soldados.

Existe, até mesmo nas Escolas de Estado-Maior e de Alto-Comando, uma tendência de depender quase que exclusivamente dos sistemas ou da administração computarizados, ao ponto de excluir do campo de batalha a dinâmica humana. Apesar disso, contudo, todos esses objetos, produtos sofisticados da alta tecnologia, se reduzem a nada mais do que objetos se não contarem com o apoio dos soldados para utilizá-los ou mantê-los. É verdade

que a tecnologia fortalece o Exército com armas poderosas e suplementa o cérebro do soldado com computadores; mas, apenas os soldados podem proporcionar a imaginação e a vontade para fazê-las funcionar.

Em nosso numeroso e complexo Exército, em que muitos de nós passamos anos afastados dos soldados, exercendo funções em estados-maiores de alto nível, instruindo em escolas ou desempenhando outras missões, estamos propensos a esquecer aqueles que realizam a verdadeira atividade-fim, quer na paz ou na guerra. Há pouco tempo o Major Michael L. McGee, oficial de estado-maior do QG do Comando das Forças do Exército dos EUA, foi espontaneamente visitar o verdadeiro Exército e o relatório resultante dessa visita foi publicado na edição de agosto de 1984 da revista *Army*; na qual ele nos lembrou corretamente que:

... Temos de encontrar tempo para voltarmos ao local em que "nos sujamos pela primeira vez", aprendendo a nossa profissão. ... Temos de voltar a valorizar os executantes - os soldados que vivem e atuam na poeira, nos pântanos e na neve para cumprir as missões determinadas pelos nossos estados maiores.

Os grandes capitães da história compreenderam a importância de aprenderem, a partir dos escalões inferiores, o que motiva os soldados a combate-

rem. Os grandes comandantes nos campos de batalha foram vitoriosos porque conseguiram inspirar os seus soldados a fazerem mais do que a tecnologia atual nos levaria a considerar como possível. Antes de a tecnologia inundar o campo de batalha com seus artifícios, os comandantes venciam as batalhas através de idéias inovadoras. Eles ainda possuem idéias inovadoras, porém, elas parecem estar hoje voltadas para as máquinas ao invés de para os soldados.

O Exército emprega, atualmente, o que há de mais moderno em equipamento automático de processamento de dados e computadores de alta tecnologia para prognosticar os possíveis desfechos de futuras batalhas. Todo esse processo é de elevada precisão, e um sem-número de analistas passa horas infindas alimentando máquinas com dados precisos relativos a toda a maquinaria de combate do Exército. Após analisarem os números, os computadores produzem pequenas cartas bem montadas, que mostram as batalhas se desenvolvendo racionalmente à medida que exércitos simulados avançam e recuam através de terrenos também simulados. A observação das guerras simuladas nas telas de televisão exerce uma influência entorpecente que nos induz à acreditar que estamos, realmente, assistindo a uma guerra em andamento. Mas a guerra real é bem diferente.

A Grã-Bretanha enviou, em 1982, uma força-tarefa com o objetivo de recapturar as Malvinas, invadidas pela Argentina. Esse conflito produziu alguns resultados interessantes. Por um lado, o êxito espetacular alcançado pela Força Aérea Argentina com o emprego do míssil *Exocet*, de tecnologia ultravariada, nos primeiros dias da guerra, foi um excelente exemplo de quão impessoal e destrutiva a guerra moderna pode ser. Um só homem, pilotando uma aeronave a diversos quilômetros de distância do alvo, foi capaz de destruir uma moderna belonave e evadir-se praticamente sem ser detectado. Isto, evidentemente, serviu para confirmar a tendência, manifesta desde a II GM, da adoção da guerra de interruptores, em que as máquinas exercem o domínio sobre o homem. Os comentaristas descreviam as extraordinárias armas empregadas, à medida que transmitiam a guerra invisível através da magia da televisão.

Por outro lado, todavia, a guerra terminou com a extenuante marcha a pé de 80 quilômetros realizada pelos Reais Fuzileiros Navais, através da lama, com o objetivo de conquistar a cidade de Stanley, capital das Malvinas. Essa marcha dificilmente pode ser considerada como um exemplo de alta tecnologia. Constitui-se ela, ao invés disso, numa lição de que as virtudes desenvolvidas na formação básica do militar continuam sendo fundamentais ao

êxito na guerra terrestre. Certamente, as armas e os equipamentos sofisticados que, primeiramente, transportaram as forças terrestres até as Ilhas Malvinas, que lhes proporcionaram segurança quando combatiam pela posse do terreno e que as mantiveram reabastecidas, foram de suma importância à vitória final. O fato, contudo, é que, apesar da ênfase na tecnologia, a importância do papel desempenhado pelo soldado no terreno está longe de ser minimizada. Ele continua sendo tão essencial nos campos de batalha modernos quanto o foi nos da antiguidade.

O Exército encontra-se, atualmente, em meio ao mais amplo programa de modernização da sua história. Infelizmente, todavia, muitas dessas modernas máquinas são de tal complexidade que são praticamente impossíveis de serem reparadas sem o auxílio dos técnicos civis altamente treinados e qualificados que as projetaram e desenvolveram. A revista *Military Logistics Forum*, em sua edição de janeiro-fevereiro de 1986, reportou que estudos recentes indicam que não se dá a devida importância aos soldados encarregados de reparar a máquina. Isto, provavelmente, bem pode redundar em máquinas que sejam praticamente impossíveis de serem mantidas em condições operacionais em combate.

Nesse mesmo artigo, um membro do setor de pesquisas do Instituto de Administração de

Logística, uma agência logística federal, expressou a opinião de que "num exército de alto nível tecnológico a maioria dos soldados não combate, mas, isso sim, repara e mantém equipamentos complexos". Se pudéssemos ter certeza de que sua opinião é correta, a preparação para a próxima guerra seria um pouco mais simplificada; contudo, o futuro campo de batalha talvez não proporcione tempo suficiente ou instalações apropriadas para manter esse complexo equipamento em condições operacionais.

Na guerra árabe-israelense de 1973, os israelenses levaram todo o seu pessoal de manutenção e recuperação para a frente, imediatamente à retaguarda das unidades de combate, e atribuíram ao pessoal de material bélico, que trabalhou em condições de campanha, o mérito de ter mantido em combate um número suficiente de CC para vencer a guerra. O desfecho final da batalha talvez dependa não do lado que dispuser dos CC mais sofisticados no início, mas, isso sim, daquele que contar com o maior número de CC operacionais ao seu término. Os soldados das unidades de apoio do Exército, da mesma forma que os das unidades de combate, devem estar preparados para se defender. A guerra futura não disporá da áreas de retaguarda dotadas de relativa segurança da época da II GM, em que as complexas máquinas podiam ser evacuadas do combate para se-

rem reparadas.

Esse fascínio pelas soluções de alto nível tecnológico pode ser o fator que induziu o Senador William V. Roth Jr., representante do Estado de Delaware, a escrever, no *The Washington Post*, de 20 de maio de 1984, que "as armas são importantes demais para deixar que a sua aquisição fique exclusivamente a cargo das Forças Armadas". Ele propõe a organização de um corpo civil de aquisição encarregado do projeto e desenvolvimento das armas para que possamos determinar o culpado quando não funcionarem. Trata-se de uma idéia magnífica para identificar o responsável, mas não oferece soluções aos problemas enfrentados pelos soldados no campo de batalha, quando se defrontam com armas complexas demais para serem empregadas ou reparadas na "poeira, pântanos e neve" onde as guerras são travadas.

Os usuários devem possuir, no campo, equipamento que lhes seja útil; eles não devem tornar-se escravos da tecnologia. Se bem que seja importante determinar o culpado, deve existir uma outra maneira de fazê-lo sem pôr os nossos soldados em risco, ao delegar o projeto e desenvolvimento de armas a engenheiros que pouco ou nenhum conhecimento têm a respeito de onde serão empregadas.

O Tenente-General Franz Uhle-Wettler é um veterano combatente da II Grande Guerra e destacado autor militar. Ao

escrever na edição de maio-junho de 1984 da revista *NATO's Sixteen Nations*, lembra que uma das armas alemãs de maior sucesso na II GM foi o *Panzerfaust*, um dispositivo anticarro de reduzido custo, leve e descartável, produzido em número suficiente para ser distribuído ao soldado de infantaria na quantidade por ele desejada. Essa arma eficaz de curto alcance produziu dois efeitos – o primeiro foi negativo para os CC inimigos e o segundo positivo para os soldados de infantaria, que tiveram uma boa possibilidade de neutralizar os blindados inimigos.

Uhle-Wettler prossegue, relatando a sua carreira militar após a II Guerra Mundial no *Bundeswehr*, onde as virtudes da tecnologia, segundo ele, continuaram a desenvolver a capacidade anticarro da infantaria que chegou a ser tão sofisticada que apenas poucos soldados tinham, posteriormente, uma possibilidade real de êxito contra os CC. A mensagem por ele transmitida é que existe um real perigo de que a tecnologia possa, de fato, reduzir, em determinados casos, a capacidade do soldado no campo de batalha.

A menos que os generais lembrem-se de que comandam soldados e não máquinas, a tecnologia poderia, presumivelmente, reduzir a capacidade do Exército de conduzir a guerra no futuro. A experiência em conflitos tais como as Malvinas e a guerra árabe-israelense confir-

ma que, a despeito do emprego de armas de alta tecnologia, o soldado bem instruído, que possui espírito de luta e uma liderança dedicada, constitui-se no principal ingrediente na guerra.

Portanto, o provérbio continua, até certo ponto, sendo verdadeiro. Serão sempre os soldados que combaterão. O perigo está em que as máquinas, e não os reis, sejam consideradas como os heróis do futuro. Quando os comentaristas dos meios de comunicação e os funcionários de alto nível do Departamento de Defesa falam da capacidade de conduzir ataques de alta precisão e insinuam que as armas de alta tecnologia podem atingir alvos sem causar, praticamente, qualquer dano à área circunvizinha, estão, na verdade, prestando um desserviço às Forças Armadas. Ao fomentar no povo expectativas não-realísticas das operações militares, os inevitáveis fracassos e reveses resultantes, provocados pelo atrito de guerra de Karl von Clausewitz, tornam-se difíceis – se não impossíveis – de serem explicados.

As guerras não são travadas com bisturis, mas, isso sim, com cutelos. A tecnologia pode prestar apoio aos soldados e reduzir as suas vulnerabilidades, mas a guerra sempre exigirá vítimas. A esperança de que a tecnologia permitirá que os objetivos militares sejam atingidos sem perda de vida humana é falaciosa.

O General John A. Wickham, Chefe do Estado-Maior do Exér-

cito, escreveu no número de janeiro-fevereiro de 1985 da revista *Army Research, Development & Acquisition* sobre a necessidade de inovação no Exército. Ele cita as palavras do Major-General J.F.C. Fuller para transmitir a sua idéia: "Quanto mais mecanizadas se tornarem as armas, menos mecanizada deve ser a mente que as controla." É a mente do soldado que determina o êxito no campo de batalha. Todos nós, da carreira das armas, devemos nos lembrar sempre dessa advertência. A herança do Exército e seu papel na defesa dos Estados Unidos constitui um orgulho e deve continuar a depender, em última análise, do espírito de corpo dos seus soldados e não de complicadas máquinas.

Os Exércitos devem preparar-se continuamente para a guerra durante o tempo de paz. Eles tentam traduzir as experiências da última guerra em êxito na próxima. Mas, se a história serve como um indicador, a guerra seguinte nunca é travada exatamente da maneira prevista.

Embora a tecnologia vá continuar a desenvolver novas máquinas de guerra, o trunfo que os EUA têm nas mãos continua sendo o mesmo de sempre: soldados altamente motivados que dependem mais de seus corações que das máquinas. Quando o comandante de um pelotão de infantaria se levanta no meio da batalha e grita "sigam-me!", as máquinas simplesmente permanecerão estáticas, a menos que os soldados que as operam estejam dispostos a seguir seus comandantes.

Se bem que o soldado norte-americano mereça, sem dúvida, o melhor equipamento que a alta tecnologia lhe possa oferecer, ele também merece ser lembrado como o elemento decisivo na batalha. Assim como os veteranos de guerras passadas responderam ao desafio, serão os soldados das futuras batalhas que determinarão o resultado final. O desafio mais importante enfrentado pelo Exército, à medida que se prepara para o século XXI, é lembrar-se dos seus soldados.



O Tenente-Coronel CLAYTON R. NEWELL é o diretor da Seção de Conceitos de Operações Conjuntas do Departamento de Estratégia, Planejamento e Operações Militares, da Escola de Alto-Comando do Exército, Carlisle Barracks, na Pensilvânia. Formou-se pela Universidade Estadual do Arizona e cursou a ECEME/EUA. Exerceu as funções de subchefe do sistema de Comando de Instrução e Doutrina do Exército dos EUA no Sistema de Análise de Todas as Fontes, no Centro e Escola de Informações do Exército, Forte Huachuca, no Arizona, e de especialista em operações militares da Agência de Análise de Conceitos do Exército dos EUA, em Bethesda, Maryland.